

A Casa Tombada

FACONNECT

Pós-Graduação Lato Sensu - O Livro para a Infância: Textos, imagens e materialidades

Livros em família: a importância dos rituais de leitura

Nome: Dayane Moura Monteiro - Turma V

Professora orientadora: Cristiane Rogerio

São Paulo
2020

AGRADECIMENTO

Agradeço a todas as famílias que gentilmente se dedicaram a compartilhar suas histórias para que este trabalho fosse possível. Um agradecimento especial às crianças, que são a razão destas mesmas famílias manterem rituais de leitura repletos de afeto e fruição, principalmente à minha filha, Martina, que me deu a oportunidade de ser ponte entre ela e os livros.

1. PASSADO, PRESENTE E FUTURO LEITOR

Nessa aresta que mescla o universal e o particular e a qual nos permite reconhecer, diferenciar e construir a nós mesmos por meio de um diálogo com as páginas da cultura é que encontro uma justificativa profunda para incluir a formação literária no baú familiar de nossas crianças, como alternativa de nutrição emocional e cognitiva e como equipamento básico para habitar mundos possíveis na medida de cada ser humano. (REYES, 2010, p. 14)

Quando Martina, minha filha, era apenas um desejo, já era dona de uma pequena biblioteca. Os livros ocuparam o primeiro espaço em seu guarda-roupa, enchendo de narrativa uma história que estava por começar.

Cada criança é extraordinária em sua capacidade e única, ao mesmo tempo que é herdeira das gerações anteriores, com ela nasce uma nova possibilidade, uma nova leitura de mundo, um novo mundo. (LÓPEZ, 2018, p. 10).

Achei imprescindível que ela, já existindo como desejo e, como salienta Maria Emilia López, já herdeira de uma história, percebesse a importância que a leitura tem para nossa família, bem como soubesse que dentro dessa nova leitura de mundo, em que ela se faz presente, eu já sonhava com o momento de lhe contar histórias, desde dentro da barriga.

Paralelo a esse desejo tão latente de criar rituais de leitura com minha filha, fazia o meu percurso na formação da pós-graduação *O livro para infância*¹. Na busca de aprender mais sobre este universo, fui reconhecendo minha história com a leitura, encontrando com meu “passado e presente leitor”.

Ao longo de dois anos, trilhei um caminho de conhecimento acerca da história do livro para a infância no Brasil e no mundo. Foi uma imersão na linha do tempo da construção desse olhar para o leitor, para os mais diversos processos de criação de um livro e para a materialidade desse objeto. Nesse percurso n’A casa Tombada, pude

¹ Pós graduação *O livro para a infância: textos, imagens e materialidades*, realizada n’A casa tombada em 2018 e 2019.

conhecer e reconhecer a história por trás de diferentes autores e clássicos da literatura, estabelecendo, com frequência, relações com minha vivência pessoal e profissional, atuando como professora na Educação Infantil. Também dentro desse percurso, me deslumbrou o contato com diferentes artistas autores e ilustradores. Foi uma etapa imprescindível para me aproximar da poética de tantos processos de criação.

O livro ilustrado², embora já presente em minha vivência como educadora, pareceu ter outro sentido, sendo novamente esmiuçado por tantas vozes de professores que não deixam de se encantar com as possibilidades dessas obras.

Nesse caminhar, também pude novamente olhar para as infâncias, assim no plural, entendendo os diferentes olhares que atravessam as escolhas dos livros aos quais as crianças terão acesso, em qualidade e quantidade, mostrando uma dura e perversa realidade que assola diferentes governos e interesses em nosso país.

Em minha infância, os encontros com as páginas dos livros eram momentos dedicados ao brincar. *A Fada cisco quase nada*, de Sylvia Orthof e Eva Furnari (1995), livro tão querido, me fazia permanecer horas observando as rosas do jardim da minha casa em busca de um dia encontrar a tal fadinha pequenina. A casa de doces da bruxa do conto *João e Maria*, que era parte de uma coleção mas não me recordo o nome, alimentava os inícios das noites em companhia do meu irmão mais novo. Ele sentava-se ao meu lado na cama, eu era a leitora e juntos “devorávamos” as ilustrações. Lia e relia aquela história aconchegante. Esse era o nosso ritual de leitura.

Posso afirmar que foi poético e avassalador retomar momentos em que brincava com a leitura na infância, reafirmando, à luz do que aponta López (2018), que arte e brincadeira se mesclam. De certo modo, também não foi nada fácil reconhecer em que momento me encontrava na linha do tempo da história do livro para a infância no Brasil. E nem mesmo tudo o que ainda não conhecia e que desejava desbravar nas leituras.

Ao reencontrar com essas memórias, me dei conta, ao contrário do que acreditava, que tinha, sim, uma história com os livros. Meus pais não liam antes de

² O livro ilustrado, picture book, ou livro álbum é um gênero textual em que palavra, imagem e design se completam como narrativa da história de forma que a ausência de algumas destas linguagens interfira na compreensão do livro como um todo.

dormir e nem eram leitores ativos, mas eles reconheciam a importância desse objeto, fazendo com que alguns exemplares chegassem até nós. Além disso, meus pais, embora não leitores vorazes, eram exímios contadores de história, aquelas com narrativas repletas de fantasia e “dizeres” do nordeste. Passávamos horas e horas ouvindo e rindo das aventuras dos meus pais no Ceará. Como ressalta Reyes, “[...] nos nutrimos das palavras e dos símbolos que outros nos legaram; [...] desde muito cedo recorreremos às histórias para nos decifrarmos.” (2010, p. 14). Me sentia nutrida com tantas histórias, como muito me lembra o conto *Carne de língua*³.

Nas histórias dos meus pais tinha cenário, personagens divertidos, narrativas, dramas... Tinha tudo o que alimentava nossa imaginação. Tínhamos o nosso ritual de encontro com a palavra, que acontecia todos os dias em diferentes horários, mas que preenchiam um espaço importante, nos fazendo pertencer a uma história.

Reconhecer tudo isso, me fez “perdoar” a defasagem que sinto ter por não ter lido os clássicos da literatura. Entendi que minha história foi outra e que agora, com minha nova família, tenho a chance de construir um novo enredo, trazendo marcas do que minha companheira e eu somos e das narrativas que vamos construir nesse novo “nós”.

Diferentes rituais sempre rondavam minha vida, a priori dentro de um contexto religioso, mas também na organização familiar, trazendo uma sensação de segurança e conforto. A palavra ritual ecoou em mim em algum momento da formação n’A Casa e permaneceu fazendo morada no desejo de conhecer como eles se estabelecem quando se trata de ler para os filhos.

Me inspiro em diferentes famílias para construir a minha, gosto de conhecer hábitos que marcam os encontros, as refeições, as histórias contadas oralmente, as leituras compartilhadas... Todos esses aspectos sempre me encantaram e, como consequência, gostaria de saber mais.

³ Conto Africano sobre a história de um rei que buscava a cura para a rainha que estava terrivelmente doente. Ao procurar ajuda de um camponês, que tinha uma esposa muito saudável, ele descobre que a cura seria dar à rainha carne de língua. O rei faz uma interpretação literal desse conselho, entretanto, o camponês se referia às histórias contadas por sua língua.

A intenção inicial das páginas que seguem, era compartilhar como conheci pessoalmente a casa de diferentes famílias, como explorei cada estante e cantinhos de leitura, cada biblioteca de quarto e livros pelo chão ou pelos móveis. Não pude. Uma pandemia acometeu o mundo e nosso ritual de sobrevivência passou a ser outro: o distanciamento físico.

Na busca de estabelecer contato com essas famílias dentro desse novo contexto, organizei algumas perguntas, a fim de me aproximar destes momentos de leitura em cada casa, dos afetos trocados, do olho no olho e do olho nas páginas, das gargalhadas compartilhadas, das descobertas das ilustrações e das palavras, e de todas as criações possíveis quando compartilhamos momentos com um livro mediando o contato.

Isto posto, compartilho as respostas de seis mulheres entrevistadas, com filhos entre 9 meses e 12 anos de idade, que trazem relatos de suas histórias com a literatura em suas infâncias e nas famílias atuais, como um registro dos momentos preciosos de encontro com os livros, algo que para todas, aqui mencionadas, mostrou-se valioso.

O questionário compartilhado a seguir, constituiu-se das seguintes perguntas:

- Há momentos de leitura compartilhada com seus filhos?
- Como acontece esse momento de leitura? (rituais, espaço da casa, momento da rotina...)
- Como acontece a escolha do livro?
- Qual a frequência que essas leituras ocorrem?
- As crianças têm livre acesso aos livros? A todos os livros?
- Como foi a sua relação com a literatura na infância? (Alguém lia para você? Qual era a frequência?)
- Qual a importância da leitura para você e a família que formou? Acredita que essa relação atual tem a ver com o que viveu na infância?

2. EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO: CONHECENDO OS RITUAIS DE LEITURA COMPARTILHADA EM DIFERENTES FAMÍLIAS

Há momentos de leitura compartilhada com seus filhos?

Fernanda, 36 anos, mãe do Pedro de 3 anos: A gente tem sim um momento de leitura compartilhada eu e ele ou eu, Paula e ele, juntos em família.

Ana, 38 anos, mãe dos gêmeos Beatriz e João de 1 ano e 9 meses: O momento da leitura não tem regra (...). Eles estão em um momento que querem ler os livros sozinhos, folhear, ver as imagens, alguns livros com textura, outros com muitas imagens. Deixamos muito livre e também nos colocamos à disposição quando eles querem trazer um livro para que a gente leia para eles. Eles sentam no colo ou sentam os dois juntos no chão enquanto a gente lê o livro mostrando as imagens. Eles têm dias com livros preferidos, às vezes passam uma semana querendo ler o mesmo livro e tem vezes que eles querem ler livros sortidos, mas têm algumas resistências a livros novos. Livros que chegam, eles normalmente falam “não”, porque querem os livros antigos. Com o tempo, vão se afeiçoando a esses livros novos também.

Maria, 28 anos, mãe da Teresa de 12 anos: A gente tem momentos de leitura compartilhada, mas eles não acontecem com tanta frequência. Já aconteceram mais, pensando aí numa retrospectiva olhando para trás. O que eu vejo é que conforme ela vai crescendo, esses momentos vão sendo reduzidos na nossa rotina (...). Muitas vezes ela lê para mim, então, por exemplo, agora ela está lendo “Alice no país das maravilhas” em capítulos. A gente também começou a ler há pouco tempo “Reinações de Narizinho”, que foi um livro que uma vez ela pegou e não aguentou ler porque se questionou muito sobre a linguagem, sobre determinados tratos que o texto tinha e que ela entendia ali como preconceituosos, como racistas e não sustentou a leitura. Agora, a gente está retomando essa leitura com aquela nova versão (...), mas o que eu percebo também é que esses momentos de leitura compartilhada (...) foram mudando a

natureza e a complexidade dos livros: livros mais extensos, leituras em capítulos (...). Ela também busca muito escutar ou solicitar a leitura de livros que às vezes eu estou lendo para pensar numa situação de leitura com as crianças na escola, então ela também busca com bastante frequência e interesse esses livros com texto menos extenso, como livros ilustrados.

Como acontece esse momento de leitura? (rituais, espaço da casa, momento da rotina...)

Joana, 36 anos, mãe do Théo de 4 anos e do Vitor de 9 meses: Eu sempre leio para o Théo na hora de dormir. O ritual é: escovar os dentes, fazer xixi, subir na cama, ler uma historinha, rezar pro papai do céu e dormir.

Vitória, 32 anos, mãe dos gêmeos Joaquim e Leonardo de 6 anos: Os momentos de leitura são variados. O ritual mesmo é durante a noite na cama, muitas vezes a gente permanece um tempo na cama realizando leituras autônomas. Eles têm um espaço perto da cama deles em que ficam vários livros e um outro lugar da casa, onde também coloco os livros à disposição deles. Esse ritual começa assim: a gente permanece um tempo lendo sozinhos, às vezes eu estou terminando alguma tarefa e falo: “Olha, vão indo lá, escovem os dentes, fiquem lá lendo um pouquinho enquanto eu vou terminar de lavar louça e já vou.” Às vezes se dá tempo, se cabe ainda, eu levo o meu livro e permaneço um pouco lendo ao lado deles, às vezes eu retomo alguma leitura do que tem ali no acervinho deles, mas a gente lê mais no quarto deles, no espaço de dormir. Quando, eventualmente, eles dormem no meu quarto, eu leio também, normalmente na cama.

A cama deles fica formando um “L” e bem nesse meio é uma bibliotequinha, o lugar em que apoiamos os livros. Então eu sento ali, ambos conseguem ver, às vezes cada um fica sentado na sua cama, às vezes eu opto por ler na cama de um, às vezes por ler na cama do outro. Durante os finais de semana, a leitura já não é tão estruturada

assim, costuma ser no quintalzinho de casa, no espaço externo. Eu gosto bastante de tomar sol, então eu leio para eles enquanto estou tomando sol, é bom que ajuda eles a tomarem um solzinho também, ou às vezes no sofá da sala, na rede... diferentes espaços. (...) Às vezes no final de semana a gente acorda nesse momento mais preguiçoso da manhã, depois de tomar café, eu vou tomar um sol e eles leem, ou até a gente vai pegar um transporte público eu levo o livro também pra poder ler pra eles nesse espaço ou um algum momento que eu sei que vai ter uma espera, como um dentista, numa eventual viagem que a gente faça, no aeroporto... A gente costuma sempre levar um livro. Eles escolhem um livro para levar e eu escolho algum outro, às vezes uma leitura um pouco mais longa para a gente manter essa rotina de leitura antes de dormir. Eu também costumo decorar minha casa com livros, então tenho livros no banheiro mais usado por todo mundo e no banheiro deles também tem uma cestinha não de livros mas de gibis.

Maria, 28 anos, mãe da Teresa de 12 anos: Os momentos que costumavam acontecer quando a Teresa era o menor eram mais à noite, mais próximos do horário de dormir, às vezes livros escolhidos por mim, às vezes escolhidos por ela, às vezes livros que eu separava também para dar uma olhada para pensar numa leitura para meus alunos. O fato de adquirir muitos livros também fazia parte, acabavam entrando nesse ritual de quando chega um livro novo ler junto. Também tinha um outro ritual até acho que uns dois anos atrás, quando a Teresa estava no quinto ano, que era a leitura do livro que ela retirava semanalmente da biblioteca da escola. O perfil dos livros também foi mudando ao longo desse período, mas essa leitura compartilhada do livro que ela trazia da escola, também fazia parte de um ritual da semana, o que foi mudando depois que ela entrou no Fundamental 2. Na verdade, a busca pelos livros é algo mais autônomo e eles procuram com a frequência que querem, então isso deixou de fazer parte de um ritual semanal na nossa rotina. O que passou a fazer mais parte desse nosso ritual, se a gente pode chamar assim, são os títulos que nós temos em casa. Normalmente o espaço da casa é o quarto ou a sala onde ficam os livros e são

mais aconchegantes para a leitura compartilhada. A Teresa gosta muito de pegar um conjunto de livros na estante e levá-los para o banheiro. É uma coisa de momento intimista (risos). Não é leitura compartilhada, ela não quer que eu esteja junto, ela pega os livros, leva e diz: “Mãe, eu posso pegar esses livros e levar para o banheiro?”. Acho que está ligado a esse espaço de intimidade, eu não sei! Não tem uma explicação científica, mas a Teresa gosta muito de fazer isso. Eu acho que esse interesse dela de olhar livros que ela já sabe, já conhece a narrativa, conhece os títulos, mas que queria olhar de maneira mais intimista sozinha, também está ligado a esse acesso a estante que eu organizo.

A gente tem uma estante de livros na sala, onde ficam a maior parte dos livros, às vezes a gente leva alguns que estamos lendo para o quarto. Então, por exemplo, os livros que ela precisa fazer uma leitura autônoma, que está relacionada a uma literatura da escola, já deixa no quarto, porque é onde ela tem estudado e onde ela pega o livro mais fácil ali de acessar de encontrar e ler. A mesma coisa eu, se eu separei alguns livros para aquela semana para ler com meus alunos, eu já tirei da estante e estão na minha mesa, mas o lugar de estar dos livros é a estante da sala e a gente organiza os livros assim: aquilo que fica na minha altura e na altura da Teresa são os livros de literatura infantil; os meus livros de estudo deixo mais para o alto com aquilo que a gente não usa, como cadernos, como livros de receita que a gente não acessa, alguns livros que eu não leio mais, uma literatura mais adulta, inclusive às vezes religiosa, que a gente não acessa sempre mas que têm um valor afetivo para mim.

Vania, 43 anos, mãe do Lorenzo de 5 anos e do Guilherme de 7 anos: A gente tem todo tipo de momento com a leitura, por exemplo, a hora das refeições é uma hora de leitura. Eles levam sempre um livro para a mesa para lermos juntos ou cada um lê o seu. Normalmente eu leio com o Lorenzo, mas agora, com essa quarentena, eles estão numa fase de gibis, então eles leem muitos gibis.

Como acontece a escolha do livro?

Joana, 36 anos, mãe do Théo de 4 anos e do Vitor de 9 meses: É o Théo que escolhe o livro. Na maioria das vezes é “Os três porquinhos” toda noite, mas eu deixo ele escolher a história que ele quer escutar. Então é ele que escolhe.

Vitória, 32 anos, mãe dos gêmeos Joaquim e Leonardo de 6 anos: Referente a escolha do livro, eu sou professora de Educação Infantil, então quando eles nasceram eu já tinha um acervo significativo de livros álbum, livro ilustrado, livro sem texto, pois eu sempre gostei bastante desse gênero tanto por conta do trabalho, como enfim, por ser uma defensora mesmo do livro e da leitura, então eu costumo comprar, presentear adultos com livro ilustrado, por isso eu já tinha esse acervo e passei para eles. Então assim, inicialmente, a escolha aconteceu por minha conta, que era o que eu tinha disponível ali, mas de certa forma, eles iam pegando e se relacionando com o livro a partir das experiências deles. Muitos livros foram estragados nesse processo e alguns, os mais sensíveis, eu comecei a deixar um pouco mais protegidos e só disponibilizar com certa mediação. Depois, quando eles cresceram (...) por volta de um ano, a gente já começou a frequentar livrarias de forma recorrente (eu não frequento biblioteca com eles e até gostaria muito de fazer, mas eu ainda não comecei esse projeto). Sempre que a gente ia à livraria eles escolhiam, às vezes escolhiam um livro para os dois, às vezes cada um escolhia um, dependia do momento e do contexto, se era um aniversário, por exemplo. E a gente tem um ritual de frequentar uma grande feira de livros que tem em São Paulo, a feira da USP, que a gente vai todo ano. Acho que eles começaram a frequentar comigo quando tinha por volta de um ou dois anos e a gente ia não só para comprar livros para eles, como também para comprar livros para presentear os amigos da escola porque eles já estavam na escola e já tinham esse volume grande de presente para crianças. A gente escolhia tanto pra eles quanto para presentear, mas eu confesso que grande parte da escolha do acervo que eu tenho em

casa, faz parte do que eu vou conhecendo e trazendo para eles. Quando eles começaram a poder emprestar livros na biblioteca da escola, essa escolha foi muito permeada por esse acervo, pelo que eles vivenciavam ali. Foi muito interessante, porque eu comecei a me informar bastante com relação a isso, tanto conhecer títulos que eu não conhecia, como me relacionar com os livros que eles traziam de outras maneiras, muitas vezes por meio da leitura que o professor fazia para eles ou com influência da mediadora da biblioteca e dos colegas. Quanto às escolhas cotidianas de leitura, é variado, normalmente a gente contempla o livro que eles trazem da escola, eles retomam esse acervo de casa nesse momento que eles ficam antes de dormir, antes do horário de sono, vendo e lendo um pouco sozinhos. Muitas vezes o livro que eles pegam ali é um livro que a gente lê, que eu leio pra eles, às vezes eu que escolho também. Agora que eles estão mais velhos eu comecei a escolher os livros mais extensos, então a gente faz algumas leituras em capítulos e eu apresento os autores, apresento os títulos que eu gosto, que eu conheço ou o que eu quero conhecer. A minha escolha em relação a eles também tem a ver um tanto pela minha profissão, mas um pouco por tudo que eu tenho visto em cursos ou em outros espaços de formação, de troca, revistas que eu acompanho e publicações de autores conhecidos.

Qual a frequência que essas leituras ocorrem?

Ana 38 anos, mãe dos gêmeos Beatriz e João de 1 ano e 9 meses: Não consigo muito dizer de frequência, porque todos os dias eles mexem nos livros. Então se você for lá, eu posso bater uma foto das bibliotequinhas, todo dia os livros estão mexidos. Tem dia que eles jogam todos no chão, pegam um e vão ler em cima da cama, tem dia que eles não jogam nada no chão, cada um pega um e vão ler em lugar separados, tem dia que eles só pegam livros e querem desenhar em cima do livro com o lápis, alguns a gente deixa, outros não. Então fica meio nessa frequência que é impossível eu te colocar em números.

Vania, 43 anos, mãe do Lorenzo de 5 anos e Guilherme de 7 anos: São momentos que alternam, não é toda noite que a gente lê junto na cama. Tem noites que eu sento para contar uma história, para ler com eles e tem noites que eles leem sozinhos, cada um pega o seu livro e lê. Por exemplo, antes do almoço, enquanto eles estão esperando para almoçar, normalmente eles leem, mas aí é uma leitura individual nunca leem os dois juntos. Ou eles leem sozinhos cada um seu o seu livro ou eu leio para eles.

As crianças têm livre acesso aos livros? A todos os livros?

Joana, 36 anos, mãe do Théo de 4 anos e de Vitor de 9 meses: Sim, eles têm acesso a todos os livros. Na realidade, desde bebê os livros sempre tiveram ao alcance deles, para que eles tivessem esse contato bem próximo, então eles ficam no andar de baixo do armário e o Théo abre e vê durante o dia. Ele tem acesso aos livros quantas vezes quiser. Durante o dia, ele costuma ler ou às vezes até mesmo eu com ele, mas a gente criou esse hábito, essa rotina de uma historinha só antes de dormir, porque senão vira a noite lendo historinhas, porque o Théo ama.

Fernanda, 36 anos, mãe do Pedro de 3 anos: Os livros são acessíveis a ele. Todos estão na estante da sala numa altura baixa, então às vezes ele pega um livro e vem e quer que eu leia ou às vezes ele pega um livro e quer ler para mim. Como tem os livros que são os preferidos dele, ele já sabe as historinhas aí ele me conta também. A gente não tem uma rotina muito marcada: tal dia e tal horário temos que ler. Acontece de uma forma natural. Os livros estão acessíveis tanto na sala como aqui no quarto também, quando ele tem vontade de ter esse momento de leitura, toma a iniciativa de escolher o livro e de nos pedir para ler ou de tentar ler pra gente. Nós temos esse momento de leitura juntos.

Maria, 28 anos, mãe da Teresa de 12 anos: Ela tem acesso também à literatura adulta, mas é engraçado, ela não busca. Não busca nem de curiosidade para olhar capa esse tipo de coisa, porque inclusive já tiveram situações de alguém mencionar um livro na escola e ela falar: “Mãe, compra o livro X?”, e eu falar: “Mas, Teresa, nós temos o livro X!”, e eu ter que ir lá buscar para mostrar a ela. Eu sinto também que essa literatura para infância, esse acervo grande, que é o que compõe em grande medida o nosso acervo de livros, é também um lugar de respiro da Teresa. Ela também solicita muitas vezes a compra de livros. Eu compro alguns baseado também no que ela me trouxe de interesse ou de sugestão. Às vezes ela pede livros que já leu, aí eu falo: “Teresa, mas vamos pensar, você já leu? A gente pode até comprar esse, mas será que tem alguma continuação ou tem algum parecido?”. Então é um tanto alimentando o que ela traz também.

3. OS ENCONTROS DO PASSADO MOLDANDO O PRESENTE

Como foi a sua relação com a literatura na infância? (Alguém lia para você? Qual era a frequência?)

Joana, 36 anos, mãe do Théo de 4 anos e do Vitor de 9 meses: Bem, eu não tive nenhuma relação com a leitura na infância. Eu não tinha acesso a livros, eu não tinha esse tipo de contato. Passei a ter mais ou menos com treze anos de idade, quando tive acesso a biblioteca. Me apaixonei pelos livros e não parei mais. Então esse foi meu contato, mas na infância mesmo eu não tive esse acesso não (...). Nunca tive ninguém para ler livros para mim e nada do tipo.

Fernanda, 36 anos, mãe do Pedro de 3 anos: Minha mãe nunca foi de ler, ela estudou pouco, meu pai também, mas minha família é bem diferente. Quando minha mãe engravidou de mim, meu pai era bem mais velho e tinha outra família, então eu tenho irmãos por parte de pai que têm idade de serem meus pais. É bem louca essa

questão da idade (...). Eu também vivia sempre na casa do meu pai com a esposa dele, com meus irmãos e com minha família desse lado, e eles sim liam muito, então a minha relação com a leitura veio daí, da minha relação com meus irmãos mais velhos, que são super inteligentes, sempre foram, sempre estudaram muito, e eu me inspirava. Chegava na casa do meu pai e tinha uma estante gigante com livros de Jorge Amado, de Machado de Assis, então eu comecei a ler esse tipo de livro quando eu era nova. Eu criança adorava ler Jorge Amado, talvez nem fosse o conteúdo para criança, pelo tipo de escrita mesmo. Eu lembro que muito nova li “Dona Flor e seus dois maridos” e eu ficava fascinada. Tinha toda a coleção de Jorge Amado e eu lia isso, mas a relação da leitura mesmo, na infância mesmo, muito remota com dois, três anos eu não tenho essa lembrança. Acho que a partir dos oitos anos é que eu lembro de ler esses livros lá na casa do meu pai.

Vitória, 32 anos, mãe dos gêmeos Joaquim e Leonardo de 6 anos: Na minha infância eu tive dois irmãos mais velhos e eu sempre tive o modelo deles lendo muito para mim, mais do que os meus pais, eles foram grandes leitores, tanto modelos de leitores, como leitores para mim. Lembro que eu herdei deles uma coleção de livrinhos, que eu não vou lembrar o nome, mas eram clássicos Disney, ilustrados com cenas dos filmes. Até as fitinhas que eu ouvia no “Meu primeiro gradiente” eu herdei deles também. Eu colocava para ouvir quando era mais velha, mais autônoma e ia acompanhando o livro. Eu acho que eu não sabia ler ainda, então eu devia ter uns cinco ou seis anos (...). Eles liam não histórias, contos clássicos, eles liam mais revistas tipo “Super interessante”. Eu lembro o Carlos lendo muitas coisas de animais, livros mais informativos e com o João eu lia mais coisas do mundo adulto. Ele lia sobre bandas, sobre boas influências da moda e coisas assim. E aí o pouquinho que eu fui crescendo, já me tornando uma leitora mais autônoma, eles iam me passando os livros que eles gostavam. Lembro que era até difícil para mim, muitas vezes eu abandonava algumas leituras porque eles não tinham essa paciência de me acompanhar durante o percurso, era uma coisa tipo: “lê isso que é legal!”. Eles tinham acabado de ler, muitas

vezes não era muito apropriado para minha idade. Eu lembro que eu li o “Apanhador no Campo de centeio” muito nova, depois quando eu reli fiquei meio em choque que eu não tinha entendido muito bem. Tinha outros que sei lá, “O Ateneu” era o primeiro caso de homossexualidade na literatura brasileira, eu também li bem nova, porque eles me orientaram, então fora as leituras da escola, eu lembro muito deles como minha referência. Meu pai lia muito pouco, minha mãe lia mais, tinha um tanto de pequena eu ouvir muito história de vida. Eles me contavam muitas histórias de vida, de boca, do que eles viviam, que ele tinha escutado quando eram pequenos, das “artes” deles, das coisas pesadas que eles faziam. Na família do meu pai tinha uma presença muito forte das histórias bíblicas, então minha avó deu pra gente uma Bíblia ilustrada. Eu lembro dela sentando (e quando ela morreu eu tinha seis anos) abrindo essa Bíblia ilustrada, lendo pra mim, mas era aquela coisa bem antiga e acabava ficando nisso, as histórias eram da Arca de Noé, e outras histórias presentes na Bíblia. Sempre foi uma infância permeada por histórias, mas não necessariamente uma relação com a literatura clássica, não que a Bíblia não seja uma literatura clássica, mas mais atrelada à religião, a moral e tudo o mais. Eu lembro da minha mãe lendo um pouco mais romances e poesia, ela gostava muito de Vinicius de Moraes. Ela tinha alguns livros que eram uns sonetos que também tinham CDs, eram uma coisa meio casadinha com os CDs. Sempre teve a fitinha e o CD. Então sempre teve uma relação intensa com as histórias, mas não necessariamente literárias. Teve muita história de boca também e todos esses espaços da religião, da música e das leituras informativas.

Ana, 38 anos, mãe dos gêmeos Beatriz e João de 1 ano e 9 meses: Meus pais são professores universitários, então em casa sempre teve muito livro. Minha mãe lia pra gente (eu tenho dois irmãos mais velhos) a noite, quando queríamos que ela ficasse com a gente no quarto até pegarmos no sono. Eu lembro da minha mãe abrir uma cadeira de praia no quarto, sentar no meio da minha cama e da cama da minha irmã e ficar lendo (...). A cena que eu tenho dos meus pais em casa é lendo. Lendo jornal, revista ou livro, e até hoje é assim. O meu pai é um cara que lê um livro a cada três,

quatro dias, ele já é aposentado. Minha mãe abandonou o livro físico, tem kindle, e ela é a mesma coisa. Acho que por ano eles devem ler, sei lá, uns 60,70 livros. É assustador! Com isso, na nossa infância, sempre tivemos muitos livros, muito acesso. A gente ia na biblioteca, ganhava muito livro, muita revistinha, então o ato de ler sempre nos acompanhou. Eu, minha irmã e meu irmão sempre lemos muito por causa desse hábito da infância, mas eu vou te dizer, sei que não foi sua pergunta, que mais importante que meus pais lerem para mim, foi ver eles lendo livros, porque essa cena não sai da minha cabeça. Eu busco na memória um momento deles lendo para mim, mas uma cena que me veio muito forte é deles lendo pela casa.

Maria, 28 anos, mãe de Teresa da 12 anos: É engraçado dizer isso, mas eu tenho uma memória muito remota da literatura em si, dos títulos, se eu for fazer essa leitura da sua pergunta. Para mim, quando eu associo a literatura na minha infância eu lembro muito mais da situação do que das narrativas lidas. Está muito mais no lugar do afeto e da relação construída ali com quem lia para mim, do que a memória da narrativa, a memória da história. Tanto que têm muitos livros que leram para mim e que eu li na infância e fui reencontrar agora, depois “de grande” e fui reler, porque eu não lembrava da narrativa. Eu acho que isso está relacionado também a quem lia para mim com mais frequência, que eram os meus avós, principalmente minha avó paterna. Então não só no momento da leitura compartilhada, mas outros momentos foram fazendo com que essa nossa relação fosse se fortalecendo. É importante dizer também que ela (avó paterna) é a pessoa central para mim quando eu penso em literatura na minha infância, mas isso me remete sempre aos momentos de estar junto, ao afeto, vínculo, ao colo, ao carinho. Sabe aquela coisa de deitar no colo da avó e ficar escutando? Você está muito mais na relação com a pessoa, como se a palavra fosse uma forma de carinho, muito mais do que a narrativa em si. E é importante dizer também que essa avó que valorizava muito esses momentos de leitura compartilhada e de estar junto ali, é alguém que teve uma formação muito escassa, mal completou fundamental, mas os livros, tanto para essa minha avó quanto para meus outros avós também, tinham um lugar de

acesso e de ascensão, como se eles vissem a importância de ter livros como um lugar de saber mais, de descobrir mais, de estudar mais. Eles tiveram uma geração de não acesso e passaram a entender a importância disso na vida dos filhos (minha leitura), mas ainda com uma situação financeira e de conhecimento para pensar nessa curadoria desse acervo muito restrita, então eu tive, na verdade eu fui herdando os livros que eles compraram pro meu pai, normalmente enciclopédias, coleções como a do Monteiro Lobato. Eu tenho um vínculo afetivo muito grande com aquela coleção de capa verde, uma das primeiras do Monteiro Lobato, não pela narrativa, mas pela simbologia que aquela coleção tinha por ser do meu pai, de ter sido lida para ele e ter sido lida para mim. Quando eu fecho os olhos, lembro da situação da leitura e não da narrativa em si. Com meus pais, eu quase não lembro desses momentos de leitura compartilhada, é sempre mais ligada aos meus avós. Também lembro, tenho muito essa memória, que na casa dos meus avós maternos tinha um armário, porque eles tiveram um filho bem depois dos outros e ele teve acesso a muitos livros infantis que o meu pai e a minha mãe não tiveram. Não era nem estante, era um armário, e eu lembro de ir lá procurar e de pegar alguns, inclusive também tenho alguns livros que eram dele que eu peguei lá e que eu tenho um vínculo afetivo muito grande, que eu não me desfaço. Aí sim eu lembro de momentos compartilhados de leitura com a minha mãe. Engraçado que tem uns três títulos do Érico Veríssimo, inclusive, que eu lembro da minha mãe ler com muita frequência para mim, ler de novo, ler de novo... Lembro de caçar coisas nas imagens, até agora retomando, fico pensando: Eram ou não eram livros ilustrados? Tinham pistas de livros ilustrados? Acho que não, mas enfim, isso eu lembro muito forte. Não era com tanta frequência, com meus avós mais, mas acho que estava relacionada a esse momento de estar junto.

Vania, 43 anos, mãe do Lorenzo de 5 anos e do Guilherme de 7 anos: O que a gente tinha na minha casa, era que o meu pai assinava o “Clube do livro”. Então eu lembro muito bem do rapaz indo na nossa casa levando o catálogo e a gente depois recebendo os livros. Eu lembro, por exemplo, de uma casinha da Disney de plástico que

vieram várias histórias dentro dela, que tinham disquinhos. Mas os meus pais não liam pra gente. Eu não me lembro disso. Depois, quando eu já sabia ler de verdade, lembro que no guarda-roupa, na parte de cima do guarda-roupa do meu quarto, ficavam os livros da casa, não tinha estante. Eles ficavam guardados ali, eu subia para ler, então lia tudo que tinha lá que era para criança, coisas do meu pai e da minha mãe. Tinha de tudo que você imagina. Então, por exemplo, lá que eu conheci o “Jubiabá” de Jorge Amado. Foi lá, em cima do guarda-roupa, que eu o conheci e depois disso não parei mais de ler. A gente tinha acesso, mas não tinha esse vínculo com o livro como eu tenho hoje, como o que a gente tem aqui em casa. Meus pais queriam passar pra gente, mas não sabiam muito como, então eles davam esse material. Eles davam o material, mas não tinha esse afeto ou essa mensagem: “(...) É importante! Vamos ver junto o que a gente vai descobrir aí!”. Não tinha isso.

Qual a importância da leitura para você e a família que formou? Acredita que essa relação atual tem a ver com o que viveu na infância?

Joana, 36 anos, mãe do Théo de 4 anos e do Vitor de 9 meses: Como eu não tive acesso, a minha maior influência foi o processo da minha vida mesmo, no decorrer do trabalho com crianças. O universo da criança pede esse mundo fantasioso, universo lúdico, então eu sempre tive muito acesso a isso. Eu trabalhei de babá e a criança que eu cuidava tinha vários livros na casa dela e eu comecei a ler, lia muito pra ela, isso virou um hábito e eu sempre achei muito legal ver nos filmes onde os pais costumam ler para os filhos e não somente isso, todo esse universo imaginário que as crianças têm através da história. Então foi algo que eu não tive, mas é algo que eu sempre desejei fazer quando fosse mãe: ser uma contadora de história para meu filho.

Fernanda, 36 anos, mãe do Pedro de 3 anos: Eu acho muito maravilhoso, é um momento muito, muito lindo e muitas vezes surpreendente e emocionante, porque tem toda a interpretação do Pedro da história, sabe? E ele me surpreende muito. Ele é um

menino muito amoroso. Um dia estávamos lendo *O Pequeno Príncipe*, que ele ganhou ainda quando eu estava grávida. Era um livro que estava na estante, como tem muita escrita e ele ainda é pequeno, eu não mostrava muito. Aí um dia ele pegou esse livro e veio até mim e eu falei: “Vamos ler então!”. Comecei a mostrar pra ele as gravuras do livro e em *O Pequeno Príncipe* tem aquela parte da jibóia digerindo um elefante que todos os adultos olham e acreditam que é um chapéu. Aí eu estou contando isso para o Pedro: “Aqui é uma jibóia que engoliu um elefante. O elefante está dentro da barriga da jibóia, ela devorou ele!”. Quando foi no outro dia, ele pegou o mesmo livro para ler e ele foi ler para mim e falou: “Aqui, a jibóia está grávida do elefante! Tem um bebê elefante na barriga dela!”. Eu achei a coisa mais linda, para você ver que a criança não tem a maldade, né? Uma coisa que seria ruim, a cobra engolir o pobre elefante, ele deu outra interpretação que seria da gestação. Que mostra um pouco também que ele não tem problemas com as diferenças. Como é que uma cobra vai gestar um elefante. É muita pureza. Então os momentos de leitura são de muito encantamento, é muito muito lindo viver essa experiência ao lado dele. A gente incentiva bastante, não no sentido de pressionar ou de ficar: “Pedro, vem aqui, tem um livro!”. Não! A gente deixa ele a vontade, mas o nosso incentivo é justamente propiciar que ele tenha acesso aos livros e ter livros interessantes para ele ter essa oportunidade de estar em contato com a leitura e fazer disso um momento gostoso em família.

Vitória, 32 anos, mãe dos gêmeos Joaquim e Leonardo de 6 anos: Em parte sim, porque eu sempre tive esse desejo, eu sempre olhava com muita admiração para as leituras dos meus irmãos. O Carlos, por exemplo, meu irmão do meio, lia muito no banheiro. Tinha um banquinho no banheiro que ficavam os livros dele, então tinha um tanto de volume, eram livros grandes. Eu lembro quando ele leu “Moby Dick” que é um livro bem grandão e outros clássicos que me marcaram e depois eu quis ler, como “Crônicas de uma morte anunciada” do Gabriel Garcia Marques. Até depois, mais velha, quando ele leu a biografia do Tim Maia, logo depois eu quis ler e foi um dos livros que marcaram a minha adolescência. Acho que sim, mas eu acho que certamente a minha

experiência profissional contribuiu muito mais para isso, para análise de obras, das versões mais potentes, de pensar melhores traduções, de pensar em coisas para além da Disney, de ter um contato maior com o livro ilustrado, com a ilustração, entender um pouco mais, porque isso eu não tive muito na infância.

Ana, 38 anos, mãe dos gêmeos Beatriz e João de 1 ano e 9 meses: Eu respondo a essa pergunta meio com a pergunta anterior, eu acredito que para os meus filhos é muito importante que eles percebam a nossa relação com os livros. Os livros deles estão espalhados pela casa assim como os nossos estão espalhados. A Beatriz e o João muitas vezes gostam de pegar os nossos livros que não têm nenhuma figura, só palavra, e ficam deitados folheando, porque para eles a palavra também é imagem. Então eu acho que é curioso para gente perceber essa relação que eles têm com o livro como um todo, independentemente da idade que esse livro é destinado. E eu escrevi um livro, né? Então eu acho que aqui em casa ainda tem mais essa coisa da gente ler muito, eu escrevi um livro sobre a história deles e eles têm o livro deles, então eu não consigo imaginar outro cenário para a vida deles que não sejam adultos que tenham uma relação bastante forte com a literatura também.

Maria, 28 anos, mãe da Teresa de 12 anos: Sim, com certeza, principalmente por essa relação do afeto que fica como memória, muito mais do que a narrativa. É claro que eu entendo que todas as leituras que foram feitas para mim fomentaram outras escolhas, outras leituras e também a minha formação leitora e meu interesse pelos livros, mas eu acho que o vínculo e os laços que foram construídos nessa relação, que é o que hoje, quando eu penso nessa leitura para infância, é o fio condutor. Eu acho que é o principal.

Eu vejo a importância que os títulos têm e o acesso na formação da Teresa, no percurso leitor dela, mas eu vejo também o quanto esses momentos dentro de casa, alimentam ali uma história que é nossa, uma memória que é do estar junto, como se fosse uma reserva simbólica daquilo que representou a literatura para mim na minha

infância, na minha vida. Então é isso que eu aciono hoje quando eu penso na literatura e é isso que eu quero que a Teresa acione mais para frente também. É claro que eu acho que outras coisas vão esbarrando nesse contexto que é o acesso, que é a informação, que é o estudo, então eu vou pensar dentro da minha casa nesse contexto dos meus pais, dos meus avós e da Teresa. Eu sou a primeira geração que tem o ensino superior, então quantas leituras eu tive acesso que eles não tiveram? Começa por aí. Tem algo que soma a esse contexto que é a área na qual eu atuo (professora de Educação Infantil), faz com que eu tenha um repertório maior para escolher esse acervo, para fazer essa seleção, mas que eu vejo também que independentemente disso, a literatura está nessa relação minha com a Teresa, como lugar do afeto, do vínculo, do estar junto, inclusive, algo que é do ler e do ter espaço para falar do “não gostei”, isso é muito forte com ela. Ela às vezes fala: “Eu não gostei desse livro!”. Às vezes é um livro tão maravilhoso. Às vezes ela não sustenta e fala: “Eu não vou continuar lendo, porque eu não estou gostando, não estou aguentando o que está dizendo aqui!”. Então eu vejo esses nossos momentos de leitura compartilhada, como lugar de respiro também e um lugar de fortalecimento de vínculos muito forte. Acho que pensando também no contexto que eu tenho na minha casa que sou eu, Teresa e a minha mãe, acho importante dizer também que normalmente esses momentos de leitura são entre eu e a Teresa, da Teresa para mim, mas também acontece da Teresa com a minha mãe. Eu acho muito simbólico ela ler para minha mãe, do ponto de vista de alguém que não teve acesso a livros. Está ligado também ao pouco acesso que eu tive por não ter uma família leitora na minha infância, mas que valoriza o ler. A leitura também como espaço de estar junto, de fortalecer vínculo, de conversar (...), isso eu tenho sentido muito nos últimos tempos, da minha mãe ser tocada com alguns títulos que a gente intitula para a infância e que a Teresa lê para ela e que ela nem sabia que existia.

Vania, 43 anos, mãe do Lorenzo de 5 anos e do Guilherme de 7 anos: Se meus pais não tivessem me dado ainda que o material, eu não ia descobrir a mágica da leitura. Eu

gostava tanto disso! Eu acho que foi ali que a sementinha foi plantada e eu descobri que isso era muito legal e que eu gostava muito. Como isso foi crescendo, eu encontrei uma pessoa que gosta muito de ler. Meu marido e eu gostamos muito de ler, então não foi difícil colocar isso aqui em casa, porque as primeiras coisas que a gente acabou comprando para os meninos, ainda na barriga, foram livros. Eu lembro de estar grávida do Guilherme e a gente na livraria Cultura, lá na Paulista, comprando livros para ele bebê. Eu acho que é uma coisa que está meio escrito na nossa pele, a gente gosta tanto que quer que eles gostem e que a leitura exerça esse mesmo fascínio. A leitura te desloca. Se você está triste: conforta; se você está com raiva: te alivia. Então eu acho que de alguma maneira é o que a gente quer que aconteça com eles, que eles descubram que são outras vozes que também falam o que a gente sente, que nos ajudam a entender que tem todo um processo dessa relação que vai se firmando, se construindo e que não é do dia para noite. Isso que a gente tem que saber! Às vezes você fica frustrada, compra um livro achando que vai ser incrível, aí o cara abre, dá uma olhadinha e deixa pra lá. Você fala: “Poxa”, mas depois de algum tempo aquilo faz sentido. Eu acho que a gente também tem que entender esse tempo das crianças ou o nosso, para a gente aquilo foi tão incrível. Eu acho que é mais a importância dessa relação das crianças com livro na minha casa, eles terem a oportunidade de descobrir essa mágica dos livros, de quando você abre parece que as palavras se transformam e podem te dar tanto (...). É pensar no livro a partir desse olhar da criança: “Por que o Lorenzo foi na estante pegou esse livro?” (referindo-se ao *Ida e Volta*), eu não faço a menor ideia! (...). A gente não tem mesa de jantar porque preferimos ter uma estante. Lorenzo, com cinco anos, já estava indo na feira da USP e foram na Bienal um outro ano. Então, a gente gosta tanto, meu marido e eu, que passamos para eles. É igual música, você ouve então quem está com você, ouve também. Igual comida, se eu não gosto, não vai ter na minha casa. É uma coisa que vai fazendo parte da sua rotina, não tem como fazer diferente.

4. O ESTAR E O POR VIR: AS HISTÓRIAS QUE ME “SOPRAM”, REVERBERAM

Após a realização dessas entrevistas, saio extremamente atravessada por diferentes histórias, vivências e experiências, que se assemelham em diversos pontos, mas que também trazem singularidades que ora dialogam, ora divergem.

Dentre os relatos apresentados, destaco a relevância do acesso aos livros, mencionada em todas as entrevistas, como uma maneira inaugural e significativa de criar o primeiro contato das crianças com a literatura. Além desse aspecto do acesso, me chamou a atenção a importância de ser exemplo, de se cultivar, dentro de cada logística familiar, um momento para ser leitor para si, de carregar seu livro pelos espaços da casa e de mergulhar na leitura que lhe interessa, permitindo que esse gesto seja observado pelos filhos, em diferentes contextos, considerando esse ato também formador de leitores. Pelo que observei, não se trata apenas de um espaço acolhedor, mas um corpo que se abre para ser leitor para si, para ouvir uma leitura e para ler a alguém.

Me encantei pelas diferentes memórias dos momentos de leitura nas infâncias das entrevistadas. Não à toa, os rituais estiveram tão latentes em meus pensamentos durante os últimos anos, talvez já suspeitasse da relevância deles, não em detrimento a literatura de qualidade, mas como algo que atravessa e que marca, como experiência. Em Larrosa, encontro a definição que dá sentido a essa observação: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21).

Ao ouvir os depoimentos, vividos em diferentes contextos sociais, e em um dos casos com uma separação temporal de duas décadas, noto pontos comuns nas histórias, especialmente os que se referem aos momentos com os livros, ao adulto leitor ou as vivências que as levaram a serem leitoras e a valorizarem essa “formação leitora” de seus filhos. A fase que é trazida pelas entrevistadas como infância, e na qual seus filhos se encontram, indica um tempo mais fluido entre as leituras, além de um espaço e

de uma rotina que possibilita que ela aconteça, mesmo que de distintas maneiras, sem regras ou imposições, mas como algo potente e intenso. Acerca disso, Larrosa destaca:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (2002, p. 24).

Encontro nos rituais de leitura entre adultos e crianças, um momento primordial que pode suscitar essas possibilidades mencionadas por Larrosa (2002) e que se mostram indispensáveis para que de fato algo “aconteça”. Retomo essas histórias aqui mencionadas e volto para a minha, para o meu processo na infância e para o que desejo proporcionar à minha filha. Mais do que promover acesso a livros de qualidade, revejo a relevância de lhe proporcionar momentos significativos, mediados por livros, histórias e narrativas cheias de afeto e de experiências únicas, portanto, impossíveis de serem repetidas.

Embora tenha me predisposto a entrevistar todos os gêneros, as circunstâncias me levaram a conversar apenas com mulheres. Foi interessante perceber que mesmo alguns pais sendo mencionados nas entrevistas, não eram eles os principais mediadores da leitura com os filhos. Enxergo nessa constatação, uma questão social de gênero, e mesmo não achando relevante estender-me sobre ela aqui, faço-a observável. O diálogo que pude fazer com essas outras mães foi ainda mais significativo, pois me enxerguei ali, fui desejando ser modelo, imaginando os espaços e os tempos como os daquelas famílias, sendo possível tecer, com linhas coloridas e distintas, tantas narrativas inspiradoras e cheias de encanto.

Nos relatos há diferentes vivências das entrevistadas com clássicos da literatura, nacional e internacional, desde muito pequenas. Fato que para todas mostrou-se significativo, não pelo conteúdo das obras em si, pois apontaram não terem maturidade para compreendê-las na época, mas pelo contato que já se estabeleceu naquele

tempo, possibilitando um reencontro futuro com mais interesse, reconhecimento e novo olhar. De certo, fico imaginando se essas mães desejam o mesmo aos seus filhos: um contato tão logo com bons textos. Independentemente da idade que tenham, permitir que as crianças possam folhear livros de todos os gêneros, ou que as observem lendo, seria talvez um primeiro convite inconsciente, e, de certa forma, também estão apresentando valores e uma seleção previamente feita, escolhendo alguns autores ao invés de outros.

As famílias aqui apresentadas, além de acreditarem na importância da formação de leitores, independentemente de suas experiências de infância, buscam criar novas histórias e relações de seus filhos com os livros. Essa realidade, no entanto, não é a mais comum entre as famílias brasileiras, como salienta Edmir Perrotti:

[...] é preciso lembrar que, na sociedade brasileira em seu todo, a leitura não é ainda nem hábito nem ato. Ao contrário, ela é vista como comportamento diferenciador, a que somente seres privilegiados, bem dotados intelectual, cultural e economicamente, podem ter acesso. As exceções não fazem senão confirmar a regra. (1999, p. 35).

Face a essa realidade, me encontrar com essas famílias que claramente mostram um desejo em propiciar a seus filhos boas vivências com a literatura, tornou-se ainda mais inspirador. Procurei buscar famílias em diferentes contextos sociais e formações, e ainda assim foi interessante observar um ponto em comum: o ritual de leitura como mediador do encontro, não só para ler, mas para permitir que o livro se torne ponte para a conexão em um momento de afeto que permite o encantamento. Ainda na reflexão trazida por Perrotti (1999), a participação da família na relação entre a formação leitora dos filhos pode ser um caminho promissor, e mesmo com todos os desafios que a maior parte delas enfrenta, investir nessas relações sempre terá ganhos relevantes.

Atuando como professora, reconheço a importância de distintas instâncias (escola, programas governamentais, espaços culturais, bibliotecas, mídia...) na formação dos futuros leitores, entretanto, meu desejo era trazer luz às relações tão simbólicas que acontecem dentro de casa.

Os rituais de leitura que sempre vi nos filmes, assim como relata Joana em sua entrevista, não à toa pois crescemos juntas em um contexto de periferia com pouco acesso a livros, mostrou-se inicialmente algo mágico e distante, mas não utópico. Acreditar na possibilidade de vivenciar esses momentos de leitura compartilhada me faz acreditar em um futuro mais cheio de possibilidades de mostrar à Martina a importância de ser leitora e não ledora⁴. Mas mais do que isso, também mostrar a relevância dos momentos vividos entre uma leitura e outra, entre o deslumbrar-se com as ilustrações e o encantar-se com a aconchego que o reencontro com os personagens queridos proporcionam. A verdade é que não vejo a hora de ouvir a frase: “Lê de novo, mamãe!”.

Não posso estar alheia a nossa realidade, ao que bate à porta, ao que incomoda e inquieta tantas histórias. As poucas oportunidades de tantas crianças terem acesso à leitura devem estar presentes em nossas reflexões, ações e escolhas políticas.

Com isso, retornamos ao ponto de partida: é preciso não apenas criar bibliotecas, mas também desenvolver novas concepções e práticas, articuladas com nossa experiência de mundo, nossos traços culturais fundamentais, nossos graves problemas socioculturais: fome, violência, analfabetismo, pobreza, massificação, discriminações sociais, raciais, entre outras questões de igual importância e que atingem a maior parte de nossa população. (PERROTTI, 1999, pp. 40 - 41).

Diante da fala de Perrotti, devemos sempre estar inquietos e atentos ao que nos atravessa quanto sociedade, pensar em nosso micro núcleo familiar, mas também olhar como o macro da sociedade faz perpetuar as poucas oportunidades de acesso, vivências e experiências com os livros.

Dentro de cada história aqui retratada, de cada ritual de encontro entre crianças/livros, adultos/crianças/livros, avisto encantamento. Em entrevista à revista *Emília*, Yolanda Reyes ressalta:

Na hora de ir para a cama, do rito, quando os pais deixam sua vida em suspenso, desconectam os aparelhos (celular, computador, redes sociais) e sentam na cabeceira da cama e leem para seu filho antes de apagar a luz. É nesse momento em que as crianças deslizam no sono e precisam entrar em

⁴ Definição de Perrotti: “[...] seriam sujeitos que se relacionam apenas mecanicamente com a linguagem, não se preocupando em atuar efetivamente sobre as significações e recriá-las. O texto é tábula rasa, exposição sem mistérios das poeiras do mundo.” (1999, p. 32)

outro reino por outras ferramentas. Essa é uma experiência emocional muito profunda. As crianças gostam de livros e, quando descobrem que os pais param tudo para ler para elas, pedem um, mais um e mais outro... O que as crianças querem é estar junto [...]. (2012)

Nesse momento, que para cada família acontece considerando uma rotina, que se estabelecem oportunidades únicas de se criar experiências significativas com a leitura. É nesse lugar que surge meu encantamento e a vontade de experienciar esses momentos, conhecê-los, falar sobre eles e compartilhá-los com a beleza em que os enxergo. Para finalizar, trago mais uma fala de Reyes (2012) que me toca profundamente:

Então, uma família que lê, que lê junto com o bebê, é uma família que está contando para esse bebê que ler é importante. Às vezes, os pais dizem para os filhos lerem, mas eles não leem. E os bebês sabem o que é importante para seus pais [...] tornar os pais e os filhos sujeitos amarrados a uma história. Nesse sentido o que eu posso dizer é: prepare suas crianças, prepare a casa e entre em um rito, para o que chamo de triângulo amoroso: uma criança, um adulto e um livro. E essas relações que se constroem entre o livro, um leitor e o adulto são muito poderosas. (2012)

Esse “triângulo” justifica meu interesse em vivenciar momentos de leitura com minha família. Livros, histórias e momentos de afeto, embalando o rito inaugural de leitura da minha pequena Martina. Empresto a belíssima definição de Yolanda Reyes (2012) para abraçar e empoderar minhas futuras escolhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A, S-E. **O pequeno príncipe**. Barueri: Novo século, 2019.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Barcelona, n.19, pp. 20-28, 2002.

BRENMAN, I. Conto da carne de língua in: **As narrativas preferidas de um contador de histórias**. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

LÓPEZ, M.E. **Um mundo aberto**: Cultura e primeira infância. São Paulo: Instituto Emília, 2018.

MACHADO, J. **Ida e Volta**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2013.

PERROTTI, E. Leitores, leitores e outros afins (apontamentos sobre a formação ao leitor). In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (org.) **A formação do leitor: Pontos de vista**. Rio de Janeiro: Agos, 1999.

ORTHOF, S. **A Fada cisco quase nada**. Santos: Ática, 1995.

REYES, Y. **A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

REYES, Y. Entrevista. **Revista Emília**. 12 de setembro de 2012 Disponível em:

< <https://revistaemilia.com.br/yolanda-reyes/> > Acesso em: agosto de 2020.